ANO V — SABBADO, 14 DE MAIO DE 1921 — NUM 117

A PLEBE

> *O Estado tem uma longa historia toda de assassinato e de sangue. Todos os crimes praticados no mundo, os morticinios, as guerras, as faltas á fé jurada, as fogueiras, as torturas, tudo foi justificado pelo interesse do Estado, pela razão de Estado. O Estado tem uma longa historia. Toda ella é de sangue.*
>
> *CLEMENCEAU*

Toda a correspondencia e valores ao administrador RODOLPHO FELIPE

Endereço: Séde: Rua Barão de Paranapiacaba n. 4 sobrado) Caixa Postal, 195 — S. Paulo

Assignaturas: Anno . . 10$000 — Semestre 5$000 — Numero Avulso 100 réis — PACOTES: Cada 12 exemplares. 1$000

Civilização...

As estatisticas demographicas referentes ás consequencias da grande guerra formam, na sua negra seccura, um quadro espantoso, de um macabro verdadeiramente digno desta linda Civilização burgueza... Um resumo dellas foi ha pouco publicado por um vespertino carioca. Vale a pena divulgal-o, para edificação das boas gentes ainda encantadas com a dita Civilização.

Podem classificar-se em tres series as perdas demographicas occasionadas pela guerra: a) mortes em batalha ou em consequencia de ferimentos nas acções bellicas; b) mortes devidas a doenças favorecidas pela guerra; c) perdas potenciaes inherentes á diminuição dos nascimentos. E não sómente do ponto de vista numerico devem ser consideradas essas perdas, mas tendo-se tambem em vista idade, sexo, condições sociaes, etc., elementos de que depende a capacidade economica e reconstructiva dos individuos. Copio literalmente os dados principaes publicados pelo referido vespertino e relativos a alguns dos paizes participantes do conflicto:

A França perdeu 1.320.000 homens (sem contar as perdas entre as tropas coloniaes; a natalidade se reduziu, em media, de 40 o/o durante os cinco annos de guerra, o que dá uma perda de 1.650.000 vidas. No mesmo periodo a mortalidade da população civil excedeu a cerca de 600.000 á media de antes da guerra, principalmente por causa da influenza. Em geral, a população reduziu-se de 70 o/o. Mas, si se considerar a população dos 20 aos 44 annos, isto é, no periodo de maxima productividade, a perda resulta de 20 o/o, o que equivale a uma reducção quasi equivalente da capacidade economica do paiz. A proporção das mulheres subiu, de 102 por cem homens, como era em 1911, a 126 por cem homens. O excesso de mulheres adultas entre 20 a 44 annos, sobre os homens da mesma edade, attinge a 50 o/o. Na Italia as perdas da guerra attingem a quasi 600.000 pessoas; o augmento da mortalidade foi de quasi...... 800.000; o "deficit" de nascimentos calcula-se em 1.600.000; a reducção da população masculina de 20 a 44 annos foi de 14 o/o mas em parte foi compensada pela cessação temporaria da emigração; o excesso de mulheres subiu de 11 a 45 o/o. Na Inglaterra, a Irlanda foi a que menos soffreu; a diminuição dos nascimentos foi de 770.000 para a Grã-Bretanha e Paiz de Galles, com uma media de 17 o/o; a influenza occasionou quasi 200.000 victimas; a guerra fez pouco mais victimas do que na Italia; o excesso de mulheres na edade de 20 a 44 annos subiu de 9 a 44 o/o (excluida a Irlanda). Na Allemanha, as mortes de militares subiram a quasi um milhão; o "deficit" de nascimento attinge á cifra formidavel de 2.500.000; a diminuição dos homens adultos sobe a 17 o/o; as mulheres adultas subiram de cento por cento a 128 o/o, com relação aos homens adultos.

Muito insufficientes são os dados relativos á Austria, á Hungria, á Polonia, á Russia e aos paizes balkanicos. Mas indubitavelmente muito mais devastadores foram nesses paizes os effeitos da guerra, devido mesmo ás suas condições inferiores, si os compararmos aos paizes do occidente. A Austria, essa então vai agonizando lentamente, minada pela fome e pelas doenças, para maior gaudio dos milhafres do capitalismo alliado...

Um calculo geral das perdas de vidas humanas, durante os cinco annos seguintes a 1914, estabelece um total minimo de 35 milhões: 10 milhões de perdas em batalhas, 5 milhões por augmento de mortalidade de 20 milhões por diminuição de nascimentos. E' um bonito resultado!

* * *

Durante o sensacional julgamento dos communistas francezes, em fevereiro ultimo, o juiz presidente do tribunal invocou, em certo momento, os direitos conferidos ao Estado burguez, pela civilização, para defender-se contra os revolucionarios. Monatte, um dos julgados, e que estava com a palavra na occasião, retrucou cerce: «quando a civilização significa dezenas de milhões de massacrados, ninguem tem o direito de appellar para ella em defeza da sociedade!» O juiz, como é bem de ver, embatucou integralmente.

Essa estatistica macabra, acima reproduzida, deve ser decorada, na ponta da lingua, por todos os militantes revolucionarios, como o mais fulminante argumento que se pode jogar á cara de quanto burguez pretenda contradizer-nos em nome da Civilização... Maldita civilização!

ASTROGILDO PEREIRA

Outra bravata da policia

Mais uma vez a ineffavel policia do sr. Bandeira deu provas de sua bravura, prendendo uma mulher com duas filhinhas de cólo.

A companheira Ignez Zanella foi intimada, sem saber porque, a ir á 6.ª delegacia de policia. Ali comparecendo acompanhada de duas filhinhas, ficou detida á ordem do delegado local. Esse delegado entre mil grosserias disse-lhe que estava presa por ser anarchista e fazer propaganda anti militarista.

Após longas horas de detenção foi posta em liberdade, sendo então estupidamente ultrajada pelo tal delegado e outros espoletas da policia que ali se encontravam e que lhe fizeram ameaças tolas.

Mais uma...

13 DE MAIO

Quando brilhará para a multidão opprimida dos escravos brancos, o sol de um 13 de maio de facto!

E' a data da famosa «lei aurea», que *aboliu* no Brasil a escravatura negra. Repitamos, a este respeito, o que temos dito e antes de nós disseram outros, desde que em publicações socialistas se começou a analyzar este facto historico.

Quando nos Estados Unidos foi suprimida, *legalmente*, a escravatura, o facto deveu-se sobretudo ao desenvolvimento da industria manufactureira. Os industriaes tinham o maior interesse em que fosse abolida a escravatura, para que os escravos forros, procurando vender o melhor possivel a mercadoria trabalho, alugar os braços, unico bem que lhes restaria, corressem ás cidades, augmentassem a concorrencia entre salariados, fizessem baixar os salarios... Ahi está! Ahi está o mais forte motivo das bellas tiradas sentimentaes, e ahi está porque, em 1860, entre os Estados do Norte, *industriaes*, e os Estados do Sul, *agricolas*, estalou uma guerra (a da Successão), que acabou com a victoria dos primeiros.

Mas, no Brasil? O Brasil era e continúa sendo um paiz «essencialmente agricola», como diz o outro. Como explicar, pois, com uma razão economica, a abolição legal da escravatura negra?

Vinha de longe o movimento de opinião em favor da libertação dos escravos; esse movimento era em grande parte um reflexo das ideias agitadas e das revoluções effectuadas na Europa e na America do Norte. A lei abolicionista está longe de ter sido um dom todo espontaneo e facil; foi muito puxada. Muito antes della veiu o *facto*.

E a legislação abolicionista tem em grande parte raizes na luta politica. O ultimo acto legal, o de 13 de Maio de 1888, por exemplo, nasceu do intuito de salvar o imperio. O resultado foi opposto: precipitou o advento da republica. Os fazendeiros deixaram de ter interesse em conservar a monarchia; hoje tem uma republica sua, uma republica onde dominam elles.

Mas, por muito grande que tenha sido o avanço nos factos, a abolição *legal* ainda não corresponde perfeitamente á abolição de facto. Subsistiu o velho senhor feudal, o vasto latifundio no meio das vastas terras incultas: o regimen feudal subsistiu... Não quer morrer e despedaça a legalidade a cada movimento. Da *lei* ao *facto*, vai sempre uma distancia respeitavel: e é isto que põe a mentira legalista a descoberto. Não mudando os factos, as condições economicas, a natureza intima da sociedade, podem inscrever na lei todas as liberdades imaginaveis, que tudo ficará como d'antes. No Brasil vê-se coisa analoga quanto á constituição; não ha estatuto mais liberal... O Brasil, porém, é que está muito longe de ser o paiz mais liberal. E' uma verdade demonstrada quotidianamente pelos factos.

Como as condições economicas, as formas da propriedade não mudaram, tambem não mudou, a não ser no apelativo e na cor da pelle, o escravo antigo. Na essencia, tudo ficou como estava.

Não quer isto dizer que o *escravo* se fez *proletario*, valendo este, no fundo, o mesmo que aquelle.

Não. Surge-nos ainda, a cada passo, o *escravo*, do mesmo modo, com as mesmas formas, as mesmas servidões. Temos, literalmente, a escravatura pessoal. D'antes havia a empresa privada, o negreiro, que se encarregava de ir comprar ou caçar o negro, em regra pela astucia, e o vendia depois aqui ao agricultor. Hoje o empresario desse negocio é o Estado. Este não compra o escravo, mas paga-lhe a passagem: não caça o negro a laço ou mostrando lhe barretes e missanga, mas engana-o com falsas promessas de bem-estar.

O escravo chama-se *colono* e é branco, e o Estado não é «negreiro», mas agente de immigração, representante dos fazendeiros. Temos aqui um exemplo tipico de «governo de classe».

Mas, pondo o pé em terra brasileira, o colono não é *livre*? Perdão, deve ir para a «Hospedaria dos Immigrantes...» E alli a liberdade de dispor da sua propria pessoa é bem mesquinha: se for preciso, a mesma policia lho fará sentir.

Mas, na fazenda, o colono é pago, e é livre: póde mudar de patrão, sair... Devagar. Fugir, ainda ás vezes lhe é possivel, de noite, por causa dos *capangas*. Não faltam na fazenda os apparelhos de escravidão: o administrador, o capanga, o chicote, o tronco, a tortura, a sequestração das pessoas, o direito de *pernada*, o calote, e a multa ou a cantina obrigatoria, que fazem voltar para o bolso do senhor ou do feitor o salario que porventura foi dado. Os factos são diarios. E os casos ignorados? Basta reflectir que aquelles que chegaram a ser conhecidos estiveram por muito tempo occultos. O terror, a coacção physica e moral impede as revelações. Lá, na fazenda, não ha para quem appellar; mandam os caciques, os fazendeiros. As autoridades são elles mesmos, ou estão ás suas ordens. Como dizia o outro: «Eu aqui sou presidente da republica, do Estado, juiz, delegado, tudo!» E tinha razão. O governo central, esse nada quer fazer, claro está, nem poderia.

E' certo que os fazendeiros precisam dos immigrantes: — um dos meios propostos mais geralmente para dominar a crise do café, cuja producção é superior aos pedidos do mercado, ás possibilidades de comprar. (não ás necessidades reaes

do consumo), é precisamente activar a immigração para fazer baixar os salarios mais ainda! E sob o aguilhão dessa necessidade, os fazendeiros e o seu governo amaciam-se um pouco... Mas a realidade economica é mais forte que as suas medidas superficiaes de protecção.

Entretanto, a nova escravatura *branca* traz em si o germen da sua morte... Embora os immigrantes sejam buscados — isto é dito claramente todos os dias — entre as populações mais miseraveis e resignadas, «sobrias, pacientes, e laboriosas», como as da Baixa Italia, do Veneto, da Andaluzia ou do Japão, a immigração traz comsigo perigos immensos para a exploração descuidosa das energias da besta de carga humana...

Cumpre á consciencia nova illuminar a instintiva revolta, facilitar a evolução.

UMA BELLA NOITADA

A festa de ante-hontem em prol d' "A PLEBE"

No salão do Centro Republicano Portuguez, teve logar ante-hontem a annunciada festa de propaganda que um grupo de esforçados camaradas organizou em beneficio d'A PLEBE.

Ao inicio do espectaculo, que se verificou ás 20 1|2 horas, falou um camarada durante largo tempo sobre a data de 13 de maio e seu significado para os trabalhadores, que sempre têm sido impellidos pelo governo por intermedio da sua imprensa a nella verem o dia em que um decreto governamental deu fim á escravidão no Brasil. Salientou esse companheiro a falsidade do criterio acima, pois absolutamente não foi um decreto que libertou os negros da escravidão legal que os opprimia, mas sim a sua acção forte e decidida contra os seus senhores, que sómente se declararam "livres" quando viram não ser mais possivel abafar a onda de revolta que do peito dos infelizes brotava quotidianamente.

Depois de varias considerações sobre a situação actual, o mesmo companheiro demonstrou como ainda hoje a escravidão subsiste no Brasil e a necessidade que tem o proletariado de lhe dar fim, para isso ingressando nos seus organismos de defesa — os syndicatos — para se libertar do escravocrata dos nossos tempos, o capitalista, e assim organizar um novo 13 de maio que liberte de vez toda a humanidade.

Findo o discurso desse companheiro, que impressionou profundamente a assistencia, foi iniciada a representação em italiano da peça em 3 actos "Alba", do camarada João Casadei, autor de varios trabalhos de propaganda social e um dos mais esforçados amadores theatraes desta capital.

"Alba", que ante-hontem foi levado á scena pela primeira vez, é um drama de enredo magnifico e que vem quebrar a monotonia das peças em geral representadas nas nossas festas, dramalhões que cansam e enfastiam o espectador, que dellas não levando uma sensação como que de cansaço e sem ter apprehendido nada ou quasi nada das nossas doutrinas. A sua acção passa-se na Italia contemporanea e corre em redor de um capitalista que por esposa tinha uma filha do povo a quem diversas circumstancias arrancaram ao seu meio. Havendo se declarado em greve os seus operarios e não querendo elle attendel-os, estes tomam uma attitude violenta e promovem uma revolução que se apodera da cidade e vem libertar a filha do povo dos grilhões que para si representava o casamento que a organização social lhe impuzera, e entregal-a áquelle a quem amava e cujo amor era correspondido.

E' uma das melhores peças do nosso theatro, essa que ante-hontem um grupo de amadores nos deu ensejo de ver, e para o exito da qual todos os seus interpretes concorreram, pelo que daqui lhes enviamos os nossos parabens, principalmente á protagonista, que se sahiu duma fórma admiravel do difficil papel que teve a seu cargo.

Ao seu autor que demonstrou conhecer perfeitamente as exigencias da technica, daqui concitamos a que continúe enriquecendo o nosso theatro, que infelizmente não se acha sobejado de obras que alcancem o objectivo de reunir o util ao agradavel, como aquella a que agora tivemos o inesquecivel prazer de assistir.

"Alba" vae ser traduzida para o portuguez por um camarada que disso se encarregou, e, segundo estamos informados, nesta lingua será dentro em breve novamente levada á scena nesta capital.

Socialismo ?!

Fomos dos primeiros a defender aqui o maximalismo russo contra a critica extremista de varios camaradas. Como tivemos, então, occasião de affirmar, defenderemos os maximalistas da Russia emquanto elles forem atacados pelas forças mercenarias do capitalismo, e não porque hajamos renunciado aos nossos principios. A nossa attitude equivale, então, a uma affirmação de solidariedade a uma facção revolucionaria inimiga da organização capitalista, porque entendiamos que atacar a situação maximalista seria conduzir os reaccionarios na sua obra de restauração do regimen imperialista derrubado pela revolução de 17. No entanto, não precisamos dizer que, como anarchistas, somos contrarios a qualquer fórma de Estado, quer este seja imperialista, quer republicano ou socialista. Somos sempre inimigos desse monstro que no conceito de J. Bovio "é a oppressão por dentro e a guerra por fóra". Somos ácratas. Para nós, o Estado, tenha a côr que lhe queiram dar, é a antithese da liberdade. Emquanto houver Estado ha tyrannia, emquanto houver tyrannia não haverá liberdade possivel.

E' estribados nestas razões trabalhamos para que a proxima revolução satisfaça as aspirações elevadas dos revolucionarios sinceros e para que liberte a humanidade do dominio de qualquer classe ou estado, empenhando-nos dedicadamente, no proprio interesse da harmonia social, para remover as imperfeições e inconvenientes que ora servem de estorvo á marcha progressiva da revolução moscovita. Para este fim diffundiremos os principios e methodos anarchistas, anarchisando o ambiente e a mentalidade social, para que ella amanhã, não accorde plenario da revolução, não acceite nenhuma forma coercitiva de governo ou autoridade.

A liberdade fora do anarchismo não é possivel, assim como não é possivel a existencia da igualdade fora do communismo.

Repetimos: não combatemos o maximalismo russo, por convirmos que é elle o fructo inevitavel da falta de cultura revolucionaria, em sentido anarchico, e que para sua implantação concorreram varias circumstancias naturaes ao estado psychologico da maioria do povo russo. Devido a estas circumstancias, a revolução eivou-se de imperfeições tendentes a se aggravarem cada vez mais, compromettendo o exito de sua obra.

E nós, que buscamos nos factos os melhores ensinamentos; que não lamentamos, sómente, os erros passados, mas procuramos evitar-lhes as repetições, estamos decididos a evitar, aqui, os erros ou imperfeições da revolução russa. Para isso começaremos por combater o reformismo que tenta erguer-se no Brasil, antepondo-lhe os principios transformistas do anarchismo como os unicos capazes de realizar a emancipação, de facto, do genero humano.

No Brasil, adhesistas de ultima hora rotulam-se de socialistas; arrivistas emeritos enfeitam-se com bandeirinhas vermelhas de papel e se intitulam maximalistas pretendendo avassalar os campos de actividade revolucionaria do proletariado brasileiro. E' o momento propicio para desfraldarmos no campo de guerra social a bandeira anarchista, fazendo refulgir em toda a sua plenitude radicalista e sublime, altiva e benefica, heroica e immorredoura, a doutrina anarchista, cantando pela bocca de seus proselytos o hymno vibrante e sincero de libertação humana.

Accresce que no Brasil, como em todas as partes do mundo, pescadores de aguas turvas fingem abraçar á causa social para melhor realizarem a sua obra dissolvente.

A tolerancia é uma das nossas qualidades caracteristicas. Porém, para com esses "maximalistas ad-hoc", a tolerancia nos arrastaria á passividade ante a attitude insolente que assumiram para com os verdadeiros revolucionarios, visando principalmente os anarchistas. Não podemos ser tolerantes diante de insultos calumniosos vomitados por taes socialistas de ultima hora, partidarios de um socialismo original.

Socialismo? Mas que socialismo e que socialistas extravagantes esses que, pelas columnas de seus jornaes, erguem hosannas ás attitudes offensivas do maior e mais ferrenho inimigo do povo, do mais obstinado perseguidor de operarios, do mais tacanho e retrogrado dos reaccionarios que é o sr. Epitacio?

Para que não nos chamem de pusilanimes aqui declinamos o nome do "orgão maximalista" que applaude a politica reaccionaria do governo, dizendo que nisso a apoiava a unanimidade do proletariado. E' o "Intransigente", bi-semanario que se publica no Rio e que arrota qualidades salvadoras do proletariado, quando outra coisa não é senão o orgão genuino do fascismo indigena.

E, depois, com que autoridade aquelle periodico applaude o nacionalistéiro do Catete em nome da "unanimidade do proletariado brasileiro"? Nós, que não abusamos do nome do proletariado, muito embora delle sejamos parte integrante, protestamos contra esse abuso, porque não encommendamos e jamais encommendaremos sabujices aos magnatas, que do proletariado só conhecem o nome e delle só sentem as regalias proporcionadas pelo seu esforço exhaustivo.

Fiquem sabendo os kerenskys do Brasil que temos o que falta aos nossos inimigos, para não bajularmos tyrannos validos ou invalidos... Temos o senso necessario para conhecermos no proletariado dos illimitados o rancor, o odio e a aversão á nossa causa, e por isso estygmatizamos aquelles que, abusando do nome do proletariado, incensam as attitudes de franca aggressão dos seus inimigos, e os que, em nome de um ideal revolucionario, bajulam os despotas do poder, maculando ideias generosas com salamaleques que denunciam, a olho nú, os intuitos machiavelicos que os animam.

Respeitamos as opiniões e as ideias de quem quer que seja, uma vez que sejam sinceros, e discutimol-as serenamente dentro da tolerancia. Mas não perdoamos aos adversarios que assumem attitudes rasteiras perante os poderosos, revelando, assim, as suas verdadeiras intenções, que visam unicamente desvirtuar as energias revolucionarias do proletariado para servir á causa do despotismo capitalista.

Formando a guarda avançada do campo de concentração revolucionaria, jamais permittiremos que o emissario do inimigo, protegido pelo nosso lemma e confiado na nossa tolerancia, penetre nos nossos meios, para espalhar a desharmonia e entregar-nos, enfraquecidos, ao sabor e á prepotencia dos tyrannos que o investiram de tal cargo repulsivo. Alerta, no posto da vanguarda revolucionaria cumpriremos o nosso dever.

D. FAGUNDES

Contra os imperialismos

Os imperialismos alimentam e multiplicam por toda a parte as ameaças de guerra. E elles subsistirão emquanto durar o regimen capitalista.

Imperialismo é synonimo de capitalismo. Todos os Estados capitalistas são expansionistas, porque as classes dominantes procuram sempre novos mercados e novas fontes de materias primas. São-lhes estas necessarias á vitalidade de sua industria, e os mercados para gastar seus productos. As questões do carvão, do petroleo, do cobre, da borracha, são essenciaes para os Estados modernos, que entre si disputam os territorios onde se encontram essas substancias; e disputam tambem as clientelas.

Naturalmente, quando um Estado quer occupar um desses territorios ou appropriar-se de uma dessas clientelas, as razões reaes de seus actos são dissimuladas por meio de taes ou quaes pretextos. Allegam-se motivos ethnicos, identidades de raça, aspirações nacionaes ou, quando se trata de tribus exoticas, "deveres de civilização". Porque o colonialismo é pura manifestação do imperialismo.

Este termo — imperialismo — deveria ser applicado sómente ás grandes potencias, que para si reclamam o imperio do mundo, mas, por extensão, applica-se tambem a potencias secundarias. A Polonia, a Rumania, a Yugo-Slavia, a Grecia são tão avidas, guardadas as devidas proporções, quanto a França e a Inglaterra.

A Russia czarista manifestara seu imperialismo reivindicando Constantinopla e os Dardanellos; a Austria-Hungria, absorvendo ou tentando absorver o slavismo balkanico; a Allemanha, installando-se, antes da guerra, na Turquia asiatica. A Inglaterra, no Transvaal e ulteriormente na Persia e na Mesopotamia, e a França em Marrocos e na Syria, haviam demonstrado um imperialismo illimitado, que constitue o fundo de sua politica internacional.

A guerra de 1914 resultou do choque das tendencias imperialistas, e deixou subsistir alguns dos imperialismos antigos, se outros ficaram destruidos. E o futuro se nos mostra mais sombrio, pois que os Estados que se proclamaram victoriosos desvendam uma cobiça insaciavel. A America e o Japão se acham hoje no mesmo plano da Inglaterra e da França.

E' dever dos proletariados lutar contra os imperialismos, cada um em seu paiz e tambem por accordo internacional. Mas unicamente a abolição do capitalismo os libertará da ameaça permanente que os expansionistas trazem suspensa sobre o mundo.

PAUL LOUIS

A TOMBOLA

Os bilhetes sorteados da tombola levada a effeito ante-hontem na festa em beneficio d'A PLEBE foram os de ns. 114 e 90, cujos portadores poderão retirar os premios respectivos.

Onde está o dinheiro ?

Onde está o dinheiro? Esta é boilissima.

Calculou-se que antes da guerra 95 o|o das riquezas do mundo estava enthesourada nos cofres de ferro de 17 nações.

A America do Norte retinha um fundo de reserva consideravel. Havia antes da guerra nos E. U. da America do Norte cerca de 6.000 millionarios, entre estes muitos multimillionarios.

Numa pequena estatistica, vi os seguintes algarismos:

«Entre 2.000 pessoas possuiram cada uma 10.000 contos.

Entre 10.000 pessoas possuiram cada uma 20.000 contos.

Entre 100 pessoas possuiram cada uma 40.000 contos.

Entre 200 pessoas possuiram cada uma 60.000 contos».

Houve «um pequeno numero que possuiu muito mais do que isto».

Durante a guerra o dinheiro circulou em todo o mundo com abastança, entre banqueiros, millionarios, industriaes e commerciantes, que organizados em sociedades, inventaram trusts e tornaram-se mais ricos ainda, a ponto de dominarem os governos de quasi todos os paizes.

Esbanjaram-se milhões em propaganda da carnificina europeia, em banquetes de bajulação, em telegrammas de mentirosos combates de victoria dos Alliados!

O Alberto da Belgica vem passear ao Brasil e gasta-se "illimitadamente" toda a reserva do Thesouro Nacional, em novos banquetes e até em tolices como aquella de fazer todo o Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro se movimentar, para ir ao Quartel General da Cavallaria, só para o rei Alberto ver!

Finda a pantomima, eis novos personagens a entrarem na dança de ratos da incuria governamenteira.

Depois de tudo isso e o mais que se sabe que seria fastidioso dizer, vem o sr. Epitacio nos «epitaciar» perguntando onde está o dinheiro!

Nada mais facil de responder. [illegible] se encontra.

Está na bolsa dos amigos que S. Ex. «ajudou» destacando-os para as diversas commissões de confiança do governo.

Está no conchavo feito por S. Ex. com certa parte da imprensa, para elogiar os feitos da sua capacidade governativa.

Está com os asseclas da sua politicagem, para frustrarem os adversarios do seu governo á deputação.

Está nas mãos dos extrangeiros que S. Ex. considerou, presenteando-lhes os navios expropriados da Allemanha. Está na verba secreta para a continuação da deportação dos altivos operarios que S. Ex. manda deportar, desterrar e espancar nos infectos calabouços da Republica.

Está na Acção Nacionalista, para perseguir os trabalhadores principalmente portuguezes, da qual é S. Ex. socio e protector.

Está nas polpudas gorgetas que recebem os encarregados do malabarismo cambial, para desvalorisarem a moeda brasileira, enriquecendo assim, á custa do suor dos operarios, um roldão de sevandijas nacionaes e extrangeiros que perambulam todos os dias uteis no edificio da Bolsa.

E se depois das minhas indicações S. Ex. quizer saber como tudo isso seria evitavel, eu direi:

Seria evitavel se S. Ex. não se mostrasse, desde o começo do seu desgoverno, perseguidor tenaz dos operarios e protector amigo dos capitalistas. Se as classes laboriosas estivessem organizadas em condições de reagir aos despotismos dos decretos de dissolução das mesmas, levados a effeito neste funesto quatriennio. Se em vez de perseguir os anarchistas, S. Ex. perseguisse os ladrões de casaca que vivem a hombrear-se com os membros da sua governança epaminondas.

Se tivessemos de facto homens de pundonor, embora politicos, capazes de enfrentar a desordem administrativa que reina em todas as dependencias do Brasil, cedendo parte dos seus privilegios sempre que se torna reclamada para evitar o choque de forças que breve se dará entre o capital e o trabalho, e esse choque não seria tão violento como vae ser, e teriamos atenuado o conflicto e a effusão de sangue que será derramado em conquista da Emancipação e da Liberdade!

Alguns governos, apesar de reaccionarios, como o italiano, não perseguem o clamor do povo esfomeado e agonisante como o governo do Brasil.

E' que o povo explorado, roubado e opprimido, sem meios de dizer o que soffre, pois apesar do art. 72 da Constituição da Republica garantir pleno direito aos cidadãos de manifestarem o seu pensamento, S. Ex. arranjou o celebre projecto Adolpho Gordo para mais a vontade baptisar de anarchista todo o operario que pensar em reagir a usurpação dos capitalistas nacionaes e extrangeiros.

Depois de tantos desmantellos acobertados pela propria Justiça desta Republica de farçantes e pelos responsaveis da governamentação politica deste desgraçado paiz, é que nos vem S. Ex. indagar do dinheiro!...

O Brazil está fallido? incapaz de se erguer para satisfazer os seus innumeros credores? tratado pelos demais paizes, sul-americanos e outros, com o maior despreso? o povo brasileiro não tem mais capacidade para ter um gesto altivo de dignidade offendida? uma demonstração de brio e de vergonha?... mas se o querem assim mesmo, isto é, um automato a mover-se pela corda fantocheira da camarilha politica!?... E tanto assim é, que fizeram e aprovaram, baptisaram, sancionaram, mystificaram cynica, fria e cobardemente a lei que ficou se chamando Adolpho Gordo, para ser o enterramento da dignidade nacional, a illiminação da altivez do cidadão brasileiro!

Não ha dinheiro? pois viva o obeso abdomen dos fartos!

Que se fomente o povo e produza até a sua campleta innanição, emquanto S. Ex. o Epitacio da Silva Pessoa se banqueteia na intimidade dos burgos...

ADALBERTO VIANNA

Em Poços de Caldas

A gréve no Palace Hotel

Os operarios empregados na construcção do Palace Hotel, cançados de serem explorados vergonhosamente pelo sr. Otto Piffer, decidiram declarar-se em gréve e apresentaram as seguintes reclamações:

1.o — Restabelecimento do horario de 8 horas;

2.o — Pagamento integral e semanal dos salarios;

3.o — Readmissão de todos os operarios que foram despedidos por exigirem seus salarios e por motivo da presente gréve.

Pede-se a todos os pedreiros e serventes da capital e do interior que não venham trahir a causa de seus companheiros em luta.

Aos grevistas que desceram a campo para reivindicar seus justos direitos, penhoramos toda nossa solidariedade e incitamo-os a proseguirem firmes na peleja até alcançarem completa victoria.

UM EXPLORADOR CALOTEIRO E VALENTE

Os companheiros que trabalham na obra do engenheiro W. Filinger, sita no largo de Santa Ephigenia, deante da falta de pagamento e da vontade manifesta desse engenheiro de calotear-os, abandonaram o serviço ante-hontem e dirigiram-se ao escriptorio do explorador para reclamar os salarios vencidos.

Ali chegados, esses companheiros foram recebidos com grosserias pelo engenheiro indignado com a energica decisão de suas victimas. O sr. Filinger de revolver em punho vomitava insultos de toda a especie e ameaçava os operarios, caso tentassem reagir.

Por muito custo conseguiram esses companheiros receber seus vencimentos, pelo que é de acreditar que o explorador ficará recommendado á classe por caloteiro e como tal por esta tratado.

Annotações

Confesso:

Tres mezes após o estourar da guerra europea, eu ainda não lera um telegramma. O mundo delirava, mas em torno de mim, tambem eu me conservava alheio. Que se travara uma batalha no Marne, vim a saber tempos depois.

Porque essa indifferença quasi criminosa?

Ah, é que dentro de mim se travara tambem uma luta tão feroz quanto a outra!

Ah, os combates, os assaltos, as pequenas victorias e as grandes, as terriveis derrotas!

Minha alma só serenou depois que a Paz voltou a sorrir no mundo, Paz que iniciou a guerra anti-capitalista.

*

Todo libertario bebe suas energias no vulcão em crepitações que traz dentro de si.

*

E' uma infamia affirmar-se que nem todas as verdades devem ser ditas.

Todas, absolutamente todas as verdades devem ser ditas e em alto som.

*

O' homem actual, não és Homem; és um pobre escravo da opinião publica, isto é, dos outros escravos.

*

No Norte, o caboclo planta o feijão ou outra coisa, e em lugar de colher 50 caixas colhe 10. Porque vem a chuva, o sol, a formiga, a lagarta, o grillo, o gafanhoto.

Por ultimo, vem a mucurana-dono da terra que exige rendas altas e vem o piolho Lazaro-fiscal da Intendencia ou da Recebedoria que é mais rapina do que o guaxinim em cima do caranguejo.

*

Lutemos, transformemos as almas que vivem na sordidez em almas que vivam na Belleza. Abramos novos horizontes. Formemos um novo mundo.

*

O Estado não paga com os minusculos beneficios os immensos sacrificios que elle requer ao povo.

*

O' parias, não deve haver tregua na luta. O homem dos vintens "ranzões" só deve repousar quando fôr extincta toda a agiotagem do homem dos patacões.

*

A epoca actual tem de ser tumultuosa como os cyclones que se desfecham sobre a atmosphera solar.

OCTAVIO BRANDÃO

Comité pró-Saude de Florentino de Carvalho

Os componentes deste Comité avisam a todos os companheiros daqui e do interior que devem remetter importancias destinadas ao tratamento do camarada Florentino de Carvalho, que o façam para o seguinte endereço: João Peres, rua Nova S. José, 96, S. Paulo.

Como o Comité está tratando de preparar o seu balancete, pede a todos os camaradas que tenham remettido dinheiro para o fim já citado, que escrevam ao endereço acima, com a maxima urgencia, informando sobre as quantias mandadas e a quem foram confiadas, afim de ser feita a necessaria conferencia.

Festival literario em beneficio d'"A Plebe"

E' o seguinte o balancete da festa levada a effeito no dia 30 de Abril ultimo, no salão "Flor do Mar", em beneficio desta folha:

Entradas

Leilão	138$700
Tombola	112$080
Quermesse	34$000
Flores	9$000
	293$780

Despesas:

Salão	30$000
Banda	50$000
Sandwich musical	11$200
Cerveja	35$000
Cigarreira de tombola	2$500
	128$700

Recebemos na porta a quantia de 2$000 de um camarada, em beneficio d'A PLEBE. Entregue á A PLEBE a quantia de 100$000, ficaram nos cofres do Grupo.... 65$000.

Na tombola sahiram premiados os seguintes bilhetes: 1.o, 286 (entregue); 2.o, 264 (a entregar); 3.o, 13 (entregue).

ESCOLA NOVA

Communica-nos o prof. João Penteado, director da Escola Nova, que acaba de ser instituido, annexo a esse estabelecimento de ensino um curso commercial e de linguas, em que se habilitarão alumnos para as funcções de guarda-livros, chefes de contabilidade de emprezas commerciaes e estabelecimentos bancarios, peritos judiciaes, etc. etc.